

LIVRO ALHEIO

Antologia
de traduções
de Haroldo dos Santos

TOMO I
TRADUÇÕES

Edição, Introdução e Notas
de
Xandra R. Grey
Universidade Federal de Santa Catarina
e
Igor Lugris
Instituto Gallaecia de Altos Estudos Culturais

ATR
editora **ÉS**



LIVRO ALHEIO

Antologia de traduções de Haroldo dos Santos

1ª edição, julho 2022

© 2022 AGAL

© Igor Lugris

Associação Galega da Língua
Santiago de Compostela (Galiza)
atraves@a.gal
www.atraves-editora.com

ISBN: 978-84-16545-73-5

Depósito legal: C1003-2022

Coordenação editorial: Sabela Fernández

Revisão textual: Joana Palha

Diagramação e capa: Miguel Durão

Impresso na Galiza: Sacauntos Coop. Gráfica

Este livro está escrito numa variedade galega de português

“Dirán que son un autor acabado, incapaz de escribir un libro por min mesmo, e que por iso recorro á obra allea; porén, a verdade derradeira é outra”.

Bernardo Atxaga, *Soinujolearen Semea*,
O fillo do acordeonista (2003)

(Traduzido por Ramón Nicolás Rodríguez, na edición galega de Xerais, Vigo, Brasil, 2004).

“Não há, porém conceito de plágio; foi estabelecido que todas as obras são autoria de uma só pessoa, atemporal e anônima”.

Lavinia Itzá, *One writes, Uma pessoa escreve* (1971)
(Traduzido por Angélica Freitas, para Editora 34,
São Paulo, Brasil, 2005).

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	11
A Antologia	11
A transcrição	17
A presente edição	21
BREVE NOTA BIOGRÁFICA	25
ANTOLOGIA DE TRADUÇÕES DE HAROLDO DOS SANTOS	31
Traduções de Pretérito-mais-que-perfeito	33
Traduções de Pretérito	49
Traduções de Presente	65
Traduções de Futuro	85
TÁBUA DE TRADUÇÕES	111

1. INTRODUÇÃO

I. A ANTOLOGIA

A presente *Antologia de Traduções* de Haroldo dos Santos é motivada pela necessidade de terminar o projeto que ele mesmo iniciou em meados de 2006 e que não pôde rematar devido ao seu falecimento em 2010. Pretendemos assim recuperar a figura do nosso escritor e tradutor de longa data, que bem cedo começou a verter para a nossa língua obras que ele considerava imprescindíveis, obedecendo sempre a um plano desenhado de antemão e decidido mesmo antes de ter concluído os seus estudos universitários em São Paulo, onde combinou o Direito (seguindo as recomendações familiares) com a Filologia Moderna (sentindo-se continuador da tradição familiar da qual faziam parte o seu avó materno, a sua mãe e dois irmãos desta, o seu pai e uma prima uns quantos anos mais velha do que ele).

É assim que, dois anos antes de findar os seus estudos, numa carta que envia ao seu irmão, justificando a sua colaboração económica com a *Revista Signos*, que então nascia, indica Haroldo que “para podermos dizer que temos em língua portuguesa uma literatura digna de tal nome temos de fazer nossa a produção que conforma essa realidade ao mesmo tempo sólida e difusa que é a literatura universal¹”.

¹ Carta ao seu irmão Augusto, 1951, publicada na coletânea de homenagem ao nosso autor que a Editorial Perspectiva publicará por motivo da entrega do Prémio Jabuti de poesia em 2009 pela sua obra, publicada postumamente, *O Livro do despossuído*.

Tal e como recolherá anos depois Fernando Camacho nas suas «Notas à margem à tradução de “A tarefa do tradutor” de W. Benjamin²», Haroldo dos Santos estava na altura plenamente ciente de que “a verdade amarga é que em certas matérias existem entre nós apenas alguns autodidatas, e mesmo estes são geralmente obrigados a consultar manuais estrangeiros, até porque nem se subsidia a tradução de obras fundamentais, nem os editores se arriscam a publicar livros para uma escassa mão-cheia de curiosos”. Será esse convencimento o fator fundamental que anime Haroldo a começar, e manter durante toda vida, o seu labor de tradutor, plenamente convencido da importância de “abrir portas, eliminar fronteiras, subverter limites”, como recolherá anos depois na *autopoiese* publicada na contracapa do seu segundo livro de poemas, *Horizontes e ausências*³.

Mas voltemos a este volume. Como indicamos, esta Antologia começou a ser preparada pelo próprio Haroldo doze anos antes do seu falecimento. Será em setembro de 1998, na sua intervenção no solene Ato de Abertura do *I Encontro Internacional de Tradutores de e para o Português*, quando pela primeira vez fala em público da intenção de realizar este trabalho, para, consoante as suas palavras, “recuperar aqueles fragmentos que outorgam sentido a toda uma vida de trabalho em prol da expansão da língua, o

² Fernando Camacho, «Notas à margem à tradução de “A tarefa do tradutor” de W. Benjamin», in “A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português”, Belo Horizonte, Fale/UFMG 2008. Este interessante trabalho pode ser consultado na rede em <http://escritoriolivro.com.br/bibliografia/Benjamin.pdf>

³ *Horizontes e ausências*, 1ª edição, Editorial Perspectivas, São Paulo, 1954.

crescimento da literatura e a construção da fraternidade⁴". Será a partir de então que se multiplicam as referências a uma obra que, em janeiro de 2002, numa entrevista na revista *Synthesis*, já qualifica de "monumental", acrescentando que "muito possivelmente não será possível concluir antes de três anos⁵".

A presente Antologia, publicada em três tomos, recolhe todo o trabalho que se conserva e que foi elaborado para esse projeto pelo próprio Haroldo, respeitando a sua escolha dos fragmentos traduzidos, a ordenação, distribuição e classificação das mesmas, e as notas biográficas e explicativas que ele redigiu. Assim, por exemplo, é respeitada a estrutura da Antologia com esses quatro apartados que Haroldo dos Santos estabeleceu e nomeou: *traduções de mais-que-pretérito*, *traduções de pretérito*, *traduções de presente e traduções de futuro*. Ele mesmo explica no Volume III os motivos desta decisão, fazendo menção à evolução da sua *Teoria da Transcrição* durante todo o período de atividade que o presente volume recolhe.

Atendendo ao verdadeiro caráter monumental da obra⁶, e de acordo com os seus herdeiros e com a diretiva da *Fundação Haroldo dos Santos*, decidimos dividir a obra em três tomos, para facilitar a sua edição, mas também a sua consulta e uso tanto por parte de especialistas como de leitoras e leitores comuns. Deste modo, reservamos o pre-

⁴ Atas dos Relatórios Oficiais do I Encontro Internacional de Tradutores de e para o Português (23 a 25 de Abril de 1998), PUC, Rio de Janeiro, 1999.

⁵ Revista *Synthesis*, Número 12, 2002, Universidad Autónoma de Chihuahua, México.

⁶ O total da presente edição em três volumes abarca mais de setecentas páginas.

sente *Tomo I* para a publicação dos fragmentos traduzidos, tal e como foram escolhidos e resenhados pelo autor; no *Tomo II* aparecem, para além dos fragmentos nas suas línguas originais, as resenhas biográficas e bibliográficas dos/as autores/as redigidas por Haroldo, unicamente acrescentadas e/ou corrigidas agora naqueles aspectos que ficaram desatualizadas; e por último o *Tomo III* recolhe a análise e o estudo teórico que Haroldo realizou a partir da própria *Antologia*, no qual exprime não só as motivações para eleger os fragmentos escolhidos, como um compêndio da sua teoria da tradução, apresentada como *Teoria da Transcrição*, que resume os trabalhos que nas últimas décadas fora publicando em diversos meios e publicações especializadas. Lamentavelmente, esta parte ficou inacabada, pois o seu falecimento não permitiu rematar o capítulo V (*Atrás dos tempos vêm tempos*) desse trabalho. Decidimos, mesmo assim, publicar o texto tal e qual é conservado pela *Fundação Haroldo dos Santos*, encarregada de “promover o estudo da sua obra, conservar o seu património cultural e humano, e estender o conhecimento de dita obra e património⁷”.

Haroldo referir-se-á à escolha das obras e fragmentos para a *Antologia*, e à sua classificação e ordenação, em diversas ocasiões, argumentando sempre que não desejava elaborar um livro habitual sobre tradução nem recolher os fragmentos mais clássicos de obras *canónicas*. Ele procurava uma obra coerente com a sua teoria da tradução, com o trabalho desenvolvido ao longo da sua vida, e com aqueles elementos que ele considerava fulcrais tanto na sua faceta de tradutor e de criador, como, com certeza, naquela outra

⁷ <http://www.casdashortensias.org.br/fharoldodossantos>

na qual aunava ambas desenvolvendo o que ele denominava de trabalho de *transcrição*. Deste modo, em diversos momentos (por exemplo, no seu relatório na *III Conferência Brasileira sobre Tradução* na Universidade do Paraná⁸), faz referência a que o seu modelo para escolher os textos da Antologia estavam a ser as citas introdutórias de cada capítulo que Stendhal empregara no seu *O vermelho e o negro*, obra que ele admirava profundamente e que traduziu em, como mínimo, quatro ocasiões ao longo da sua vida.

⁸ <http://conferencias.unb.br/index.php/cbtup/cbtup3>

Fazer isso que sabes que
não
é certo
existir atrás das palavras
que não
pronuncias e respirar
em silêncio
com cada verso que
por cada verso que
em cada verso que
não
escreves
Saber isso que
não
fazes
Escrever

Guadalupe Reyes Heredia, *Una isla vacía, Uma ilha vazia* (1927).

(Traduzido por Haroldo dos Santos, para a editora Bairro Alto, São Paulo, Brasil, 1982)

O poeta que não cria a realidade
mas é
a realidade

O verso que não está inçado de palavras
mas é
a palavra

A metáfora que não acobilha o desejo
mas é
o desejo

A vontade de ser não incompreendido
mas
não compreendido

Anne Mary Morrison, *Full metaphors, empty poems, Metáforas cheias, poemas vazios* (1937).

(Traduzido por Haroldo dos Santos para CEPE, Pernambuco, Brasil, 1977)

Ao perguntarem-me «para que escreves?», respondo sempre que para poder ler aquilo que ainda não encontrei escrito.

Sempre procuro escrever aquilo que ainda não li, precisamente porque não perco a esperança de poder lê-lo algum dia, ou alguma noite: uma dessas madrugadas da insónia e da loucura na que procuro uma resposta em todos e em qualquer copo, em todos e em qualquer corpo, em todos e em qualquer verso. Em todos e em qualquer beijo.

Escrevo enfim, para saber que vou poder continuar a ler, infinitamente. Escrevo só para saber que continuo a ser capaz de escrever.

Charles L. Baudelaire, *Numéro d'Intranscendance, Número da intranscendência* (1860).

(Traduzido por Haroldo dos Santos para a Editora Cavalo de Ferro, Rio de Janeiro, Brasil, 1980)

Sabias tão bem como eu que as minhas mentiras eram, sempre foram, completamente verdade. E mesmo assim decidiste aceitar aquela proposta absurda e impossível. Não me culpes; eu não te culpo. Como já sabemos, são as condições materiais de existência as que condicionam e permitem o desenvolvimento da consciência, e, portanto, da consequência. A inviolabilidade de um trabalho como entidade singular e individual foi destruída.

Varvara L. Stepanova, in *Каталог для несуществующей выставки*, *Catálogo para uma exposição inexistente*, Revista LEF, nº 6 (1921).

(Traduzido por Haroldo dos Santos, na edição brasileira da Editorial Perspectivas, São Paulo, 1980)